

que convencionámos como típicos da ‘nossa’ pós-modernidade. Serve esta constatação [...] para relativizar um outro tipo de dogmatismo pernicioso dos nossos tempos: o que *crê* ainda que a postura fundamentalista é uma emanção algo incontornável, porque inerente ao próprio espírito islâmico» (p 166).

Nada mais ambíguo, pois, do que o uso do véu, esse «lugar» do nosso espanto neo-orientalista, mas que pode ser ardentemente desejado por uma jovem que, num dado contexto de apresentação de si ou num dado período da sua biografia, sabe muito bem usar minissaia e maquilhagem. É que o próprio modelo islâmico tem sido produzido e divulgado pelos meios técnicos e culturais que a modernidade pôs ao seu serviço, como nos diz a autora. Poderíamos dizer que o discurso de um fundamentalista contra a maquilhagem poderá ser o mais forte incentivo ao seu uso, assim como o uso de um véu *Dior* por um personagem de telenovela egípcia pode sê-lo em relação ao uso desse sinal de modéstia?

Cardeira da Silva sabe muito bem que a modernidade pôs ao nosso serviço a prática intersubjectiva da etnografia ao mesmo tempo que a definição de alteridades estanques e hierarquizadas. Mas a autora e as suas companheiras de Salé souberam dar a volta ao jogo: pôr e tirar véus — reais e metafóricos — são práticas bem mais complexas e criativas do que aquilo que a dicotomia tradição/modernidade nos permite pensar.

*Alejandro Portes, Migrações Internacionais, Origens, Tipos e Modos da Incorporação*, Oeiras, Celta Editora, 1999, 160 + XII páginas.

Esta obra reúne textos de Alejandro Portes, alguns dos quais em co-autoria, publicados entre 1986 e 1999, sobre os processos de incorporação dos imigrantes nos Estados Unidos da América. Em boa hora decidiu a equipa do SociNova traduzir estes textos e a Celta publicá-los, já que ao fazê-lo tornaram acessíveis em língua portuguesa cinco textos fundamentais sobre esta temática. Como correctamente afirmam Margarida Marques e Rui Santos no prefácio do livro, «a obra de Alejandro Portes orienta a problemática sociológica em torno deste tema», e, de facto, este livro só não condensa o *state of the art* nesta matéria porque, entretanto, Portes publicou um outro artigo que vem colmatar uma lacuna que os textos agora traduzidos não permitiam preencher. Refiro-me ao artigo «Educating the second generation: determinants of academic achievement among children of immigrants in the United States», em co-autoria com D. MacLeod, publicado no *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 25 (3), 1999, pp. 373-396. Neste texto, e pela primeira vez, Portes propõe uma abordagem metodológica capaz de superar o problema da mensuração do impacto relativo das três principais hipóteses explicativas (capital humano, capital social e

modos de incorporação, respectivamente) para a diversidade de percursos de mobilidade sócio-económica dos imigrantes e dos seus filhos que hoje se observa na sociedade norte-americana.

A sequência temática dos textos apresentados neste livro é particularmente feliz. No primeiro capítulo são apresentados e discutidos vários conceitos de sociologia económica (acção económica socialmente orientada; transacções encastradas; redes sociais; capital social; efeitos cumulativos e inesperados) e de sociologia das migrações (relações centro-periferia e desequilíbrio estrutural; modos de incorporação; grupos intermediários e enclaves étnicos; economia informal). Estes conceitos são operacionalizados e testados em diferentes ambientes empíricos nos três capítulos seguintes. No quinto, e último capítulo, a reflexão centra-se sobre comunidades transnacionais, isto é, sobre formas adaptativas emergentes por parte dos migrantes internacionais aos processos de globalização.

O interesse fundamental deste livro é a forma, teoricamente sofisticada e empiricamente substanciada, como demonstra que a integração na sociedade norte-americana é um fenómeno plural, composto de assimilações segmentadas. Num dos extremos verifica-se convergência progressiva e aceitação dos valores e comportamentos sociais dominantes, em consonância com o modelo assimilacionista proposto nos anos

60 pela escola de Chicago, modelo unidimensional de trajectória ascendente; no outro extremo um modelo de assimilação rápida, particularmente para os filhos dos imigrantes nascidos ou fixados muito jovens nos Estados Unidos, dos valores e normas da cultura adversarial da *underclass* dos *ghetos* urbanos, num percurso também ele unidimensional, mas de trajectória descendente. Entre estes dois extremos, Portes descreve e analisa três outros modelos: o modelo de incorporação estrutural em enclave imigrante; o que eu denominaria modelo de assimilação adiada; finalmente, um modelo emergente, ainda não totalmente definido, em que a incorporação é multilocal e transnacional.

Na análise do modelo de incorporação estrutural em enclave imigrante, Portes distingue com mestria a incorporação em enclave étnico da incorporação em minorias intermediárias, assim como no mercado primário e no mercado secundário, descrevendo, por exemplo, como esta última forma de incorporação relega o imigrante para uma situação de permanente exploração e inferioridade, exactamente o oposto do que tende a acontecer no enclave étnico, em que o imigrante garante, através da sua pertença ao grupo, a inserção em redes sociais densas de acesso privilegiado a recursos escassos (informação, capital e trabalho), escapando deste modo à discriminação e à falta de oportunidades no mercado de trabalho não étnico. O modelo a

que chamei assimilação adiada foi detectado sobretudo em comunidades imigrantes marcadas pelo espírito empresarial e solidário do grupo, que procuram uma certa auto-marginalização com assimilação selectiva, uma espécie de plataforma em que a integração se faz mais tarde, mas geralmente em melhores condições para a segunda geração, nomeadamente na universidade. Finalmente, o modelo de incorporação transnacional, como disse, um modelo emergente e ainda pouco especificado, mas marcado pela exploração por parte dos imigrantes das vantagens comparativas que a globalização veio proporcionar e que até recentemente estavam apenas abertas ao capital. Neste processo estão em formação comunidades transnacionais que permitem criar teias de vínculos transnacionais que escapam aos Estados-nações e que, embora dependendo da extensão e densidade das redes sociais e do capital social dos imigrantes, tem permitido criar no processo novas vias de ascensão.

Do ponto de vista formal, o texto apresenta variadíssimas falhas — (1) faltam palavras, por exemplo, na p. 7 (2.º parágrafo, 10.ª linha), p. 25 (3.ª linha), p. 29 (1.ª frase do 2.º parágrafo) e p. 41 (linha 9); (2) sobram palavras na p. 31 (1.ª linha); (3) a construção gramatical é deficiente na p. 75 (1.ª frase do 2.º parágrafo); (4) faltam espaços entre as palavras na p. 94 (1.ª linha); (5) a formatação do quadro n.º 4.3 nas

pp. 118 e 119 não está correcta —, é lamentável, mas a verdade é que os erros são tão óbvios que acabam por não prejudicar grandemente a compreensão do texto. O mesmo não direi do erro de tradução da p. 100, porque se trata de um erro de substância, e não de forma. À frase «a adopção das aparências e dos costumes culturais por parte dos naturais dos Estados Unidos já não é necessariamente, como foi no passado, um passo para a promoção social e económica» (p. 100, linhas 4-6 do 2.º parágrafo) corresponde no original «adopting the outlooks and cultural ways of the native-born is no longer always a step, as in the past, towards social and economic progress» [transcrito de *The Economic Sociology of Immigration, Essays on Network, Ethnicity and Entrepreneurship*, A. Portes (ed.), Nova Iorque, Russel Sage Foundation, 1995, p. 251]. Como pode verificar-se, o original veicula uma ideia completamente diversa da apresentada na tradução.

Esta obra é de um enorme virtuosismo na articulação da teoria com a prática e na sofisticação analítica com que aborda os processos de incorporação dos imigrantes na sociedade norte-americana. Seria lamentável que não fosse lida ou fosse pouco recomendada pelos seus erros de forma. O continente tem de facto alguns defeitos, mas o conteúdo é soberbo.

MARIA IOANNIS BAGANHA